



**A potencialidade das trilhas virtuais como atividade pedagógica  
promotora de reflexões estético-ambientais**

**Danielle Müller de Andrade**

Professora Doutora, IFSul, Brasil.  
danielleandrade@ifsul.edu.br

**Fabiana Celente Montiel**

Professora Doutora, IFSul, Brasil.  
fabianamontiel@ifsul.edu.br

**Patrícia da Rosa Louzada da Silva**

Professora Doutora, IFSul, Brasil.  
patricialouzada@ifsul.edu.br

## RESUMO

Este artigo tem como objetivo apresentar a potencialidade da utilização das trilhas virtuais como atividade pedagógica inovadora, sensibilizadora e provocadora de reflexões estético-ambientais no âmbito da Educação Básica e Superior. Participaram do estudo 107 estudantes do Instituto Federal Sul-rio-grandense, município de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul (RS) – Brasil, e da Universidade Federal do Rio Grande, município de Rio Grande / RS - Brasil, que, após a atividade pedagógica de percorrer três trilhas virtuais, responderam um formulário *online* sobre a utilização das trilhas virtuais como atividade pedagógica para discussão de questões socioambientais. O corpus foi analisado por meio da Análise Temática que fez emergir duas categorias de análise, são elas: a) Trilhas virtuais como estratégia para o estímulo de reflexões estético-ambientais; b) Conexão com a natureza. Os resultados apontaram para uma atividade pedagógica inovadora que possibilita o contato com o meio natural, promove reflexões estético-ambientais e desenvolve a sensibilidade, criatividade e criticidade humanas por meio de uma formação integral.

**PALAVRAS-CHAVE:** Educação Estético-Ambiental. Trilhas. Formação integral.

## 1 INTRODUÇÃO

Nos anos de 1990 Renato Russo anunciava que “é preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã” e nos convidava a pensar “o que você vai ser, quando você crescer?”. Passados aproximadamente 30 anos e diante de um cenário de crise socioambiental planetária, recorremos a música do Renato Russo para refletir sobre a necessidade de amarmos as pessoas e as demais formas de vida para podermos viver um amanhã feliz e também sobre a educação, caminho para sermos o que quisermos e pudermos ser.

Nesse sentido, entendemos que um dos desafios da sociedade contemporânea, no âmbito educacional, é a promoção de propostas pedagógicas inovadoras, cujas metodologias, ao estimularem o desenvolvimento da sensibilidade e da criatividade, contribuam para a formação integral do ser humano, seja no sentido de fomentar o cuidado de si e das demais formas de vida, seja no sentido do exercício pleno da cidadania.

De acordo com Vasconcellos (2021), as práticas pedagógicas, quando críticas, se configuram como inovadoras e contribuem para o processo de humanização. Para o autor, a inovação advém do querer, que é decorrente do desejo e da necessidade de superação, por meio dos saberes e das condições materiais de cada contexto visando a transformação. Vasconcellos (2021) sinaliza que cabe à escola o comprometimento com a aprendizagem efetiva, o desenvolvimento humano pleno e a alegria crítica. Dessa forma deve ser assumida individual e coletivamente,

[...] através da apropriação crítica, criativa, significativa e duradoura dos saberes necessários (conceituais, procedimentais e atitudinais) visando a potencialização da consciência, do caráter, da cidadania e da formação para o trabalho, pautada na solidariedade, na autonomia, na justiça, na paz e na responsabilidade. (VASCONCELLOS, 2021, p. 35-36).

Alvarez, Schmidt e Estévez (2017) destacam a importância do desenvolvimento da Educação Estético-Ambiental nos contextos educativos que, por meio de práticas sensibilizadoras e emancipatórias, possam promover a educação integral, estimular o enfrentamento e a superação dos problemas socioambientais. Para Silveira, Freitas e Estévez (2020, p. 34), a Educação Estético-Ambiental “[c]arrega em seus princípios e objetivos o

desenvolvimento integral do ser humano em suas individualidades – incluindo o exercício da empatia, da sensibilidade, da criatividade, da alteridade, da solidariedade”.

Dessa forma, entendemos a Educação Estético-Ambiental como uma educação voltada para o desenvolvimento da sensibilidade e da percepção humana, articulada por intermédio de práticas pedagógicas que, ao promoverem o contato com o meio ambiente, natural ou construído, estimulam sensações e sentimentos para o estabelecimento de relações harmoniosas entre todos os seres e a compreensão dos fenômenos socioambientais, com vista à transformação social.

Ao tratar da origem grega do termo estética (*aisthesis*), Estévez (2015) sugere que o mesmo remete a dois sentidos básicos, relacionados a um saber sensível e corporal: estesia, que se refere à faculdade de sentir; estética, concernente à sensibilidade, ou seja, à sensação e à percepção. Dessa forma, a educação estética promove a articulação e a integração do saber cognitivo com o saber sensível.

A Educação Estético-Ambiental, sintonizada com os princípios e objetivos da Educação Ambiental, quais sejam: de preconizar o desenvolvimento de processos educativos que contribuam para a promoção da tomada de consciência individual e coletiva por meio de práticas educativas dialógicas, sensíveis e afetivas, se configura como um importante meio para formação integral do ser humano ao fomentar o exercício da empatia, da sensibilidade, da criatividade, da alteridade, da solidariedade. Para tanto, a Educação Estético-Ambiental tem a transdisciplinaridade como pressuposto metodológico, como estratégia de integração de conceitos, métodos e práticas investigativas e pedagógicas. Ao incorporar elementos, por vezes, refutados pelo modelo tradicional, como o saber sensível e estético, as práticas transdisciplinares tornam-se caminhos significativos para a formação integral, ao possibilitar a problematização da vida em todas as suas relações, estimulando e favorecendo o alargamento da leitura de mundo, conforme preconizado por Paulo Freire (2011a).

A necessidade de inserção da dimensão estética nos processos educativos é sinalizada por Duarte Jr (1998) como demanda dos processos de formação humana, já que sentir antecede o pensar, o que faz o ser humano ser emoção antes de ser razão. Para Duarte Jr, a dimensão estética da educação possibilita “levar os educandos a criar os sentidos e valores que fundamentam sua ação no seu ambiente cultural, de modo que haja coerência e harmonia entre o sentir, o pensar e o fazer” (DUARTEJR, 1988, p. 18).

Sobre a transformação dos ambientes educativos para que a dimensão estético-ambiental faça parte do cotidiano das instituições de ensino, Freire e Shor (1986) já apontavam para a necessidade de reconfiguração do ambiente da sala de aula. Eles diziam que “reinventar os aspectos visuais e verbais da sala de aula são duas formas de se opor às artes destrutivas da educação passiva” (FREIRE; SHOR, 1986, p. 144).

Nessa perspectiva, é que, ao pensarmos nos processos educativos desenvolvidos em ambientes escolarizados, apontamos para a necessidade da proposição de estratégias pedagógicas que contemplem o desenvolvimento da dimensão estética. Isso exige esforço, flexibilidade, criatividade, empatia e a intenção explícita de uma ruptura com a educação denominada por Freire (2011b) de bancária para ir em direção a uma educação mais afetiva e sensível, como sinaliza Estévez (2012; 2015).

Consideramos que é preciso investir em processos educativos que rompam com a lógica de fragmentação, seja dos conteúdos, seja dos lugares e até mesmo das hierarquias que existem nos contextos educativos. É necessário romper com as dicotomias, como razão-emoção, intelecto-sensibilidade e corpo-mente. Precisamos de integração, de diálogo fraterno, de empatia, de compaixão.

Para isso carecemos de sensibilização, de acordar os sentidos que estão dormentes, ou como nos diz Duarte Jr (1998), estão anestesiados. Para o autor essa anestesia dificulta e, por vezes, impede as interações com o outro, humano e não humano. Ao defender a educação estética, Duarte Jr (1998) sinaliza que reduzir nossa compreensão do mundo apenas à via intelectual é negar a potencialidade da afetividade e da sensibilidade.

No sentido de contribuir para a formação integral dos sujeitos e de incorporarmos a dimensão estética em nosso fazer docente, recorreremos à realização de trilhas virtuais como ferramenta pedagógica para a promoção de reflexões estético-ambientais no âmbito das Instituições de Ensino. Para Andrade (2021, p. 152), tais reflexões ampliam “as possibilidades da compreensão do mundo a partir de emoções, de sentimentos, de coisas que tocam nosso corpo e a nossa mente conectando razão e emoção”.

As trilhas, quando têm intencionalidade pedagógica, são denominadas de trilhas interpretativas. Para Paiva e França (2007), as trilhas interpretativas possuem aspectos recreativos e/ou educativos, os quais estimulam a curiosidade, a criatividade, o sentido de coletividade, assim como ampliam as possibilidades de descobertas e redescobertas.

Montiel e Andrade (2022, p. 239) acrescentam que “as trilhas interpretativas, ao propiciarem a imersão no meio natural, ampliam as possibilidades de compreensão dos fenômenos socioambientais e constituem-se em estratégia para o enfrentamento das desigualdades sociais”. Tais trilhas podem ser realizadas de forma presencial, ou seja, *in loco* ou de forma virtual, quando são realizadas de forma remota com o uso de recursos tecnológicos como *smartphones*, computadores e óculos 3D.

Dessa forma, buscamos com a realização de trilhas virtuais, proporcionar experiências que estimulem a conexão entre as dimensões corporais, estéticas, sociais e ambientais e que fomentem a reflexão acerca de temáticas ambientais. Com esse artigo, objetivamos apresentar a potencialidade da utilização das trilhas virtuais como atividade pedagógica inovadora, sensibilizadora e provocadora de reflexões estético-ambientais no âmbito da Educação Básica e Superior.

## 2. METODOLOGIA

A estratégia pedagógica de utilização de trilhas virtuais foi planejada diante da necessidade de distanciamento social imposto pela pandemia de COVID-19<sup>1</sup>, com o objetivo de desenvolver o conteúdo trilhas, nas disciplinas de Educação Física, Atividades Ecoturísticas do Ensino Médio Integrado, do Instituto Federal Sul-rio-grandense (IFSul), município de Pelotas, estado do Rio Grande do Sul (RS) – Brasil, e de Educação Ambiental no Ensino Formal, do

---

<sup>1</sup> Covid-19 é uma doença causada pelo coronavírus denominado SARS-CoV-2, que desde 2019 tem levado milhares de pessoas ao óbito. (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2021).

Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG (PPGEA/FURG), município de Rio Grande, estado do RS – Brasil, bem como o intuito de potencializar o desenvolvimento da Educação Estético-Ambiental nos referidos contextos educativos. No entanto, sua utilização como recurso pedagógico para o desenvolvimento da temática das trilhas, segue sendo realizada nas atividades educativas presenciais.

O material oriundo dos registros de tal atividade compõe o corpus de análise da pesquisa intitulada “A Educação Estético-Ambiental na formação de técnicos/as em meio ambiente e educadores ambientais”, aprovada pelo comitê de ética da Universidade Católica de Pelotas, município de Pelotas / RS – Brasil, com registro de número 46601121.0.0000.5339.

Para a escrita deste artigo recorreremos ao corpus produzido junto a estudantes da disciplina de Educação Ambiental no Ensino Formal, do PPGEA/FURG e da disciplina de Educação Física do Campus Pelotas e Campus Pelotas-Visconde da Graça do IFSul, desenvolvidas no ano de 2021, totalizando 107 respondentes. Todos/as participantes, identificados/as por códigos, assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

Após o debate acerca da temática das trilhas interpretativas como estratégia pedagógica para o desenvolvimento da Educação Estético-Ambiental, foi proposto que as/os estudantes percorressem três trilhas virtuais<sup>2</sup>, localizadas no Parque das Neblinas, nos municípios de Mogi das Cruzes e Bertioga, no estado de São Paulo (SP), e que estão disponíveis no YouTube do Instituto Ecofuturo. Com o uso do recurso de girar a imagem em 360°, os/as estudantes puderam observar e realizar o percurso de forma autônoma, percebendo o ambiente de forma individualizada.

Após a realização das trilhas virtuais, os/as estudantes registraram suas percepções em um formulário on-line com questões abertas relacionadas à atividade proposta. O formulário incitava uma escrita reflexiva acerca das sensações, emoções e temáticas socioambientais percebidas pelos/as estudantes durante a realização da atividade proposta. Para este estudo o foco foi nas questões relacionadas à utilização das trilhas virtuais como estratégia pedagógica para discussão de questões socioambientais.

Para a compreensão do corpus, foi utilizada a Análise Temática, que, segundo Gomes (2007), tem como centralidade da análise o tema em questão. De acordo com Souza (2019, p. 54), o processo de análise temática inicia no momento em que o/a pesquisador/a busca no corpus “padrões de significados e questões de possível interesse à pesquisa”. A partir desse movimento, chegamos em dois temas, ou categorias, finais: a) Trilhas virtuais como estratégia para o estímulo de reflexões estético-ambientais; b) Conexão com a natureza. Tais categorias serão desenvolvidas a seguir.

### 3. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Conforme exposto anteriormente, recorreremos à realização de trilhas virtuais em contextos escolarizados com vistas à promoção de uma formação integral, visando a formação de estudantes autônomos/as, sensíveis e críticos/as que, a partir dos aprendizados construídos

---

<sup>2</sup> As trilhas podem ser acessadas no canal do YouTube do Instituto Ecofuturo, no seguinte link: <https://www.youtube.com/user/institutoecofuturo>.

durante seus processos formativos, sejam agentes transformadores da realidade. Podemos identificar, nos registros dos/as estudantes, indícios que endossam nosso entendimento de que o contato com ambiente natural é uma via potente para a promoção de reflexões estético-ambientais e, nesse sentido, contribuem para a formação integral. Tais indícios serão expostos a seguir a partir da análise dos dados referentes às duas categorias de análise.

### 3.1 Trilhas virtuais como estratégia para o estímulo de reflexões estético-ambientais

De acordo com Estévez (2012), o contato com o ambiente natural é imprescindível à formação integral. O autor sugere que as práticas pedagógicas deveriam ser realizadas em espaços abertos, a fim de possibilitar a aproximação direta com o belo natural e assim engendrar o desenvolvimento das dimensões cognitivas e sensitivas; além de sinalizar que o contato com o meio natural potencializa o desenvolvimento da educação estética, haja visto que, ao percebermos a beleza dos ambientes naturais, desenvolvemos nossos sentidos.

Devido às circunstâncias, qual seja, o contexto da pandemia de COVID, o contato com o meio natural possibilitado foi a partir da realização de trilhas virtuais e mostrou-se significativo para sensibilizar e mobilizar os/as estudantes à reflexão acerca de questões socioambientais, conforme registros a seguir: *“Acredito que as experiências com trilhas consistam em ótimas estratégias para se pensar acerca de questões socioambientais”* (ESTFURG05); *“A partir das trilhas é possível iniciar um diálogo sobre preservação ambiental, desmatamento, extinção de espécies de animais entre outros temas”* (ESTPELO2); *“As trilhas são uma ótima forma para discussões socioambientais pois, através delas, conseguimos localizar e discutir sobre esses problemas, fazendo com que as pessoas entendam de forma mais prática e clara, e motivando elas a aprender mais”* (ESTCAVG50).

Dessa maneira, diante da iminência de um colapso ambiental provocado pelas emergências climáticas e sociais, entendemos que as trilhas interpretativas, mesmo que virtuais, contribuem para a problematização de questões socioambientais e para uma formação cidadã. Lima-Guimarães (2010) destaca que as trilhas interpretativas promovem aprendizados experienciais que:

Além de estimularem uma acuidade perceptiva e interpretativa, estas atividades permitem o encadeamento de novas experiências ambientais exploratórias, a desestabilização construtiva de antigas bagagens experienciais e de níveis de conhecimento/informações anteriores, que, muitas vezes, apresentam incongruências e distorções relacionadas à apreensão equivocada das imagens das realidades ambientais, influenciando diretamente no desenvolvimento de uma consciência ecológica e nas condições de auto-estima e bem-estar dos participantes [...]. (LIMA-GUIMARÃES, 2010, p. 11).

Portanto, urge a necessidade de que as trilhas interpretativas façam parte dos currículos escolares, pois se configuram como “extraordinárias formas de ensino, sobretudo para a aplicação do ensino investigativo, sendo utilizadas não só como forma recreativa, mas para o desenvolvimento do aprendizado” (SOUSA, 2021, p. 58). Os excertos a seguir endossam tal afirmação:



*“As instituições de ensino devem proporcionar experiências que influenciem as pessoas a refletir sobre isso, o planeta precisa ser preservado, pois já estamos passando por uma crise ambiental, mas a sociedade ainda não aprendeu a respeitá-lo, pois não tem conhecimentos socioambientais. Ou ignoram as pesquisas e provas da crise climática, pois só pensam em produzir lucro. [...] Para mim, levar os alunos a um ambiente cercado por verde influencia um pensamento de preservação e valorização da vida como conhecemos, antes que seja tarde demais para reverter a situação”. (ESTPEL23). “Implantar as trilhas em projetos de ensino pode ser uma boa maneira de mostrar aos estudantes a importância da preservação da natureza, incentivar a conservar e observar as diversas espécies que existem em um pequeno espaço da floresta e que cada uma delas faz parte de um importante ciclo do nosso ecossistema”. (ESTCAVG40).*

A proposição de práticas pedagógicas inovadoras, como a realização de trilhas virtuais, promove o desenvolvimento da sensibilidade, criatividade e percepção estética humana, premissas da Educação Estético-Ambiental (ESTÉVEZ, 2011) e apresentam-se como ferramenta para o enfrentamento dos conflitos socioambientais, já que estimulam a conscientização acerca da importância do cuidado de si e de tudo que nos cerca.

*“Acredito que fazendo as trilhas, tendo contato com a natureza, observando tudo ao nosso redor, é possível aprender mais e procurar a achar soluções para os problemas socioambientais, além de que poderia realmente instigar a querer preservar mais o meio ambiente”. (ESTPEL12).*

Perante ao contexto de crise socioambiental, é imprescindível que as práticas pedagógicas, quando realizadas no ambiente natural, sejam provocadoras de um pensamento coletivo, extrapolando o fazer pelo fazer. Assim, enquanto proposta pedagógica, a realização de trilhas virtuais evidencia a necessidade de conexão consigo mesmo/a e com o entorno, a fim de suscitar reflexões acerca do nosso modo de ser e estar nesse ambiente e, assim, engendrar rupturas e/ou abertura de brechas no modelo de exploração dos recursos naturais que rege a atualidade.

Para uma das estudantes, as trilhas virtuais “podem ser uma maneira de pedagogicamente ensinar as pessoas a preservarem a natureza e sua beleza, de não poluírem e manterem sempre o cuidado tanto com a flora como também a fauna” (ESTCAVG24) e outra acrescenta que “por meio das trilhas é possível problematizar e conscientizar as pessoas acerca dos impactos que a falta de respeito e de cuidado com a natureza tem no ambiente que vivemos” (ESTFURG06). Tais registros reforçam o entendimento que as pessoas, quando sensibilizadas a partir do contato com o meio natural, refletem sobre a necessidade de preservação do ambiente natural e são provocadas a rever e, talvez, modificar suas atitudes.

A estratégia pedagógica - trilhas virtuais, colabora com a formação integral no sentido de que possibilita que os/as participantes aumentem sua compreensão sobre a implicação de suas ações frente aos problemas socioambientais, em um movimento de se “conduzir esse indivíduo à percepção de que os problemas ambientais não podem e não devem ser tratados com neutralidade, mas precisam ser resolvidos com a mudança da relação entre a sociedade com a natureza”. (BUZATTO; KUHNEN, 2020, p. 222).

Percorrer uma trilha virtual,

*“[...] pode também ser um método de entrada para conscientização e aprendizado da importância de se preservar o meio ambiente e pensar em um desenvolvimento mais*

*sustentável e que garanta que as próximas gerações tenham acesso aos recursos que hoje nós temos e que são essenciais para a vida”. (ESTCAVG25).*

Diante do exposto, inferimos que a realização de trilhas interpretativas é uma estratégia pedagógica sensibilizadora e desencadeadora de ações em prol do cuidado e da valorização do meio ambiente. Além disso, por meio da atividade proposta os/as participantes tiveram a oportunidade de refletir sobre o ambiente natural, pensando em si, no outro e sobre o mundo, tais achados fomentaram a escrita da categoria discutida a seguir.

### 3.2 Conexão com a natureza

Partimos da premissa de que a diminuição da capacidade de sentir é oriunda do modo de vida atual, no qual já não nos ocupamos em parar para observar, contemplar e refletir sobre nós mesmos e sobre o nosso entorno (DUARTE JR, 2004; ESTÉVEZ, 2012). Desse modo, entendemos que promover atividades pedagógicas voltadas ao desenvolvimento da sensibilidade, via o despertar dos sentidos humanos, é tarefa imprescindível à formação integral dos sujeitos.

De acordo com Brandão (2007, p. 145), sentir diz respeito “a sair de si mesmo. Saber é sentir o sair de si mesmo. Aprender é saber e sentir com o outro, com os outros de nossas vidas”. É pela sensibilidade que tudo aquilo que aprendemos vai ganhando significado.

*E é porque a nossa sensibilidade dá sentido ao que sabemos, assim como o que sabemos nos faculta estabelecer significados para o que sentimos, que podemos aprender e prosseguir nossas vidas vivendo situações interativas conosco mesmo (a auto-reflexão), com nossos outros e com a Vida. (BRANDÃO, 2007, p. 144).*

O contato com o ambiente natural, como ocorre na realização de uma trilha, desperta os sentidos, nos faz sentir e pensar sobre a vida como um todo, conforme expresso a seguir:

*“Acredito que as trilhas possam proporcionar momentos de reflexão socioambientais sim, pois ao se discutir como o meio ambiente e o ser humano se interligam, pode-se pensar em tudo que está acontecendo não somente com a natureza por causa das ações humanas, mas pode-se pensar em tudo que está acontecendo com o ser humano por causa de seu comportamento com o meio, o qual ele faz parte. Seria uma discussão a partir dos meios naturais vistos e vividos nas trilhas e tudo que poderia estar acontecendo de melhor no meio ambiente pelas atitudes corretas e coerentes do ser humano que, se utiliza daquelas águas que se viu nas trilhas, daquelas árvores, daqueles pássaros que se ouviu, daqueles bichos que não se encontrou durante o percurso... tudo em prol de objetivos econômicos e gananciosos para o ‘crescimento’ da sociedade”. (ESTFURG09).*

Para Estévez (2012) a natureza é um meio ainda inexplorado para desenvolver a educação estética, em que, a partir da percepção da beleza de seus cenários, se potencializa o desenvolvimento dos sentidos humanos. O registro a seguir nos mostra o quanto promover o contato com o meio natural se faz necessário e indica que momentos de imersão nesses ambientes são essenciais para a aproximação dos seres humanos às demais formas de vida. “Por mais artificial que possa ter sido esse passeio, percebi o quanto estamos afastados daquilo o qual somos parte, o quanto nos distanciamos e deixamos de vivenciar momentos que minimizem essa dicotomia que os tempos hodiernos nos acometeram” (ESTFURG03).



Ao propormos a realização de trilhas interpretativas, virtuais e/ou presenciais, nos contextos educativos, proporcionamos momentos de atenção a si e aos outros, humanos ou não humanos, desde uma perspectiva estética, conforme evidenciado pelos/a participantes do estudo. Para eles/as: *“A partir das trilhas conseguimos pensar mais no papel do humano dentro da natureza, um autoconhecimento significativo”* (ESTCAVG17); *“É uma ótima experiência que para os alunos, que com certeza muda a visão dos alunos quanto à sua conexão com o meio-ambiente”* (ESTPEL31); *“Ao praticar as trilhas, criamos uma ligação maior com o meio ambiente e, a partir de uma conexão estabelecida, é possível entender melhor o que se passa naquele lugar e o tamanho da sua importância”* (ESTPEL34).

Tais registros corroboram o pensamento de Estévez (2015) a respeito da importância do contato com o meio natural para a ampliação da percepção e compreensão de si e do mundo. Para o autor, a qualidade das relações que estabelecemos com os seres humanos e com o mundo que nos cerca, está vinculada com a nossa capacidade de sentir e com o desenvolvimento da nossa sensibilidade. Com isso, promover o contato com o ambiente natural, por meio da realização de trilhas virtuais, estimula os sentidos humanos e engendra processos de autoconhecimento e de estreitamento de laços afetivos e do sentimento de corresponsabilidade dos seres humanos com as demais formas de vida.

*“As trilhas fazem as pessoas se conectarem com o ambiente natural, faz tu perceber que não é só tu e tua rotina que existem, ajuda a pessoa a sair de um pensamento de antropocentrismo e criar consciência do que pode estar acontecendo com o ambiente natural e as outras espécies de seres vivos, principalmente se essa experiência é compartilhada”.* (ESTCAVG49).

Para Rios (2010), a realização de atividades pedagógicas quando pautadas pela presença da afetividade e da sensibilidade, desenvolvidas de forma interdisciplinar, podem contribuir para atender aos desafios e demandas educacionais atuais, qual seja, de uma formação integral. *“Ao lado da razão, a imaginação, os sentimentos e os sentidos são instrumentos de ação na realidade e criação de saberes e valores”* (RIOS, 2010, p. 61).

Diante disso, endossamos o entendimento de que, ao percorrer uma trilha interpretativa, presencial ou virtual, estimulamos a criatividade, a afetividade e a emoção, potencializamos o envolvimento e a entrega ao processo educativo, fomentamos a busca pela superação de conflitos e desencadeamos sentimentos de alegria e liberdade, individuais e coletivos.

Ao adentrarmos e percorrermos um percurso que nos coloca diretamente em contato com o meio natural, além de sentirmos sensação de paz e de tranquilidade, despertamos o sentimento de pertencimento e de comprometimento com a preservação e conservação do lugar, conforme expresso a seguir:

*“Esse contato com as trilhas pode melhorar essa relação tão abusiva que temos de nós seres humanos com a natureza, onde vivemos sugando seus recursos naturais, recursos esses que são nossos e que deveriam ser cuidados para as próximas gerações também ter a oportunidade de conhecer”.* (ESTCAVG33).

*“Vivenciar essa experiência nos desperta sentimentos únicos e conseqüentemente essa vontade de conhecer e estar mais próximos da mesma. Quando estamos fazendo uma*

*trilha, estamos em posição de observadores e exercitamos o respeito necessário que devemos ter com a fauna e com a flora”. (ESTPEL37).*

Neiman e Mendonça (2020) destacam que estar em um ambiente natural e a ele nos entregarmos, profunda e afetivamente, é uma via para evoluirmos, para nos tornarmos melhores, pois “quase sempre nos sentimos bem, percebemos que alguma coisa muda”. (NEIMAN; MENDONÇA, 2020, p. 99). Tal entendimento foi evidenciado no excerto a seguir:

*“Uma trilha passa muito mais do que caminhar no meio do mato, sentir a trilha, a fauna e flora presente é o que muda ela, prestar atenção em detalhes que o olho normal não vê, e o ouvido normal não escuta. Eu acho que trilhas poderiam mudar muito a cabeça das pessoas, e darem valor ao que importa”. (ESTCAVG 5).*

Percorrer uma trilha no ambiente natural, de forma segura e planejada, provoca os corpos a novas sensações e emoções, favorecendo o desenvolvimento da capacidade de sentir, perceber e refletir sobre o meio onde estamos inseridos. Montiel *et al.* (2022, p. 134) apontam que “o contato com o meio natural, além de estimular os sentidos humanos, contribui para o desenvolvimento da percepção estética e da sensibilidade humana, assim como para ampliar as possibilidades de construção de um modo de vida harmônico, respeitoso e equilibrado”. Para uma das estudantes, “o contato com a natureza tende a despertar nos indivíduos a sensação de tranquilidade e bem-estar, assim as trilhas colaboram de forma pedagógica, pois possibilitam a inserção real e lúdica do ser humano com os espaços naturais” (ESTPEL21).

Consideramos que a atividade proposta coaduna o sentido de educação para a libertação, conforme apontado por Freire e Guimarães (2011), ao se referirem à necessidade de processos pedagógicos desenvolvidos a partir de “uma pedagogia que enfatizaria a boniteza, o estético da vida e o ético, fundamentalmente. Uma pedagogia que não separaria o cognitivo do artístico [...] do afetivo, do sentimental, do apaixonante, do desejo!” (FREIRE; GUIMARÃES, 2011, p. 38).

Dessa forma, entendemos que os achados da pesquisa indicam a potencialidade da proposta pedagógica desenvolvida para o fomento de reflexões estético-ambientais. Ao promovermos o contato com o meio natural, mesmo que de forma remota, contribuímos para despertar os sentidos humanos e aguçar o desejo e empenho para a preservação dos ambientes naturais, constituindo-se um caminho à felicidade planetária.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do texto e mobilizadas pelas palavras de Renato Russo – “o que você vai ser, quando você crescer?” – discorremos acerca da necessidade de uma formação integral que amplie os caminhos para sermos o que quisermos ser de forma sensível, afetuosa, consciente e compromissada com a manutenção da vida planetária; e apresentamos os aprendizados decorrentes de uma proposta pedagógica voltada para tal formação – a realização de trilhas virtuais.

Estamos cientes de que as trilhas virtuais não substituem as presenciais e que percorrer um percurso virtual apresenta limitações, como a falta de estímulos de alguns dos sentidos humanos, tais como o tato e o olfato, e a necessidade da utilização de recursos eletrônicos. Porém, os resultados da pesquisa têm sinalizado para a potencialidade da atividade

proposta, no sentido do desenvolvimento da sensibilidade, criatividade, percepção estética e criticidade humana.

Consideramos a realização de trilhas virtuais uma atividade pedagógica inovadora, pois provoca os/as estudantes a pensarem em si, nas relações que estabelecem com o mundo e na responsabilidade que temos com a vida de todos os seres. As trilhas virtuais, ao desencadear reflexões estético-ambientais, contribuem para o processo de humanização e para a transformação social, merecendo estarem presentes nos contextos da Educação Básica e Superior.

Por meio do contato com o meio natural proporcionado pela atividade pedagógica, destacamos que as trilhas virtuais nos incitam a sentir que, parafraseando Renato Russo, somos gotas d’água, somos grãos de areia, somos natureza. Portanto, reafirmamos que é preciso amar todas as formas de vida como se não houvesse amanhã!

## Referências

ALVAREZ, Lurima Estevez; SCHMIDT, Elisabeth Brandão; ESTÉVEZ, Pablo René. La educación estético-ambiental como un imperativo de la educación en las condiciones de la crisis socio-ambiental contemporánea. REMEA - **Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, Rio Grande, v. 34, n. 1, p. 186-200, maio 2017. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/6627/4459>. Acesso em: 02 abr. 2023.

ANDRADE, Danielle Müller de. **Cúpula Geodésica: um lugar potencializador da Educação Estético-Ambiental**. Orientadora: Elisabeth Brandão Schmidt. 2021. 180f. Tese (Doutorado em Educação Ambiental). Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS. 2021.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O vôo da arara azul**. Escritos sobre a vida, a cultura e a educação ambiental. Campinas, SP: Armazém do Ipê, 2007.

BUZATTO, Laiza; KUHNEN, Cláudia Felin Cerutti. Trilhas interpretativas uma prática para a educação ambiental. *Vivências*, v. 16, n. 30, p. 291-231, 11 dez; 2019. Disponível em: <http://revistas.uri.br/index.php/vivencias/article/view/151>. Acesso em: 20 jun. 2023.

DUARTE JR. João Francisco. **Fundamentos da educação estética**. 2. ed. Campinas, SP: Papirus, 1988.

DUARTE JR. João Francisco. **O sentido dos sentidos**. A educação (do) sensível. 3.ed. Curitiba: Criar edições, 2004.

ESTÉVEZ, Pablo René. **Educar para el bien y la belleza**. Rio Grande, RS: Editora da FURG, 2011.

ESTÉVEZ, Pablo René. **Enseñar a sentir**. Editorial Pueblo y Educación, La Habana, 2015.

ESTÉVEZ, Pablo René. **La educación estética: conceptos e contextos**. Santa Clara, Cuba: Editorial Capiro, 2012.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Tradução: Lilian Lopes Martin. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2011a.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

FREIRE, Paulo; GUIMARÃES, Sérgio. **Dialogando com a própria história**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia** – O cotidiano do professor. Tradução: Adriana Lopez. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

GOMES, Romeu. Análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 79-108.

LIMA-GUIMARÃES, Solange T. Trilhas Interpretativas e vivências na natureza: aspectos relacionados à percepção e interpretação da paisagem. **Caderno de Geografia**, Belo Horizonte, vol. 20, n. 34, jul-dez. 2010, p. 8-19. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3332/333227270007.pdf>. Acesso em: 31 mar. 2023.

MINISTÉRIO DA SAÚDE. **O que é COVID-19**. Disponível em: <https://coronavirus.saude.gov.br/sobre-a-doenca#o-que-e-covid>. Acesso em: 28 jun. 2022.

MONTIEL, Fabiana Celente; ANDRADE, Danielle Muller. Trilhas virtuais no Ensino Médio Integrado: uma experiência pedagógica em Educação Física escolar. *In*: MALDONADO, Daniel Teixeira; SILVA, Maria Eleni Henrique da; MARTINS, Raphael Moreira (org.). **Educação Física e justiça social**: experiências curriculares na educação básica. Curitiba: CRV, 2022. p. 237-252.

MONTIEL; Fabiana Celente; ANDRADE; Danielle Müller de; SILVA, Ruani Herbertz da; VASCONCELOS, Kaylane Pieper. Trilhas virtuais nas aulas de Educação Física: despertando sensações e sentimentos. *Rev. Bras. de Educ. Fís. Escolar*, [S.l.], ano VIII, v. 1, ed. especial, p. 131-149, jun. 2022. Disponível em: <https://www.rebescolar.com/Conpefe/TRILHAS-VIRTUAIS-NAS-AULAS-DEEDUCA%C3%87%C3%83O-F%C3%84SICA%3A-DESPERTANDO-SENSA%C3%87%C3%95ES-E-SENTIMENTOS->. Acesso em: 28 jun. 2022.

NEIMAN, Zysman; MENDONÇA, Rita. Ecoturismo: discurso, desejo e realidade. **Revista Turismo em Análise**, [S. l.], v. 11, n. 2, p. 98-110, 2000. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rta/article/view/63521>. Acesso em: 18 fev. 2022.

PAIVA, Andréa Carla de; FRANÇA, Tereza Luiza. Trilhas interpretativas. Reconhecendo os elos com a Educação Física. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, vol. 28, núm. 3, mai., 2007, pp. 109-124. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=401338530008>. Acesso em 15 set 2023.

RIOS, Terezinha Azerêdo. **Compreender e ensinar**: por uma docência da melhor qualidade. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

SILVEIRA, Wagner Terra; FREITAS, Diana Paula Salomão de; ESTÉVEZ, Pablo René. O que é a Educação Estético-Ambiental? *In*: FREITAS, Diana Paula Salomão de; BRIZOLLA, Francéle; MELLO, Elena Maria Billig; OLIVEIRA, Nara Rosane Machado de (org.). **Experiências didático-pedagógicas com educação estético-ambiental na formação acadêmico-profissional**. 1. ed. Veranópolis: Diálogo Freiriano, 2020. P. 33-37. Disponível em: <http://e-books.contato.site/ambiental>. Acesso em: 02 abr. 2023.

SOUSA, Camila Pereira Batista. **Trilhas ecológicas virtuais**: uma metodologia para o ensino do Cerrado. Orientador: José Divino dos Santos. 2021. 154f. Dissertação (Mestrado Profissional em Ensino de Ciências). Universidade Estadual de Goiás, Anápolis. 2021.

SOUZA, Luciana Karine de. **Pesquisa com análise qualitativa de dados**: conhecendo a Análise Temática. *Arquivos Brasileiros de Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 71, n. 2, p. 51-67, 2019. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672019000200005&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672019000200005&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 12 set. 2023.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Inovação Pedagógica: contribuições para uma Perspectiva Crítica. *In*: SILVA, Rita de Cássia Angeieski da; FREITAS, Diana Paula Salomão de; MELLO, Elena Maria Billig (org.). **Inovação pedagógica**: vivências democráticas na relação ensino-aprendizagem. São Paulo: Pimenta Cultural, 2021. p. 49-82.